



CIARI – Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais

WWW.CIARI.ORG

A (Des)Ilusão do Sistema Anti-Míssil americano

Vera Cândida Pinto Gomes

Lisboa, 18 de Janeiro de 2005

“Yes, this is still a dangerous world, a less certain, a less predictable one. More nations have nuclear weapons and still more have nuclear aspirations. Many have chemical and biological weapons. Some already develop the ballistic missile technology that would allow them to deliver weapons of mass destruction at long distances and at incredible speeds. And a number of these countries are spreading these technologies around the world¹”. Estas foram as palavras de suporte de George W. Bush à apresentação do sistema anti-míssil da sua administração que viria a ter lugar em Dezembro de 2002. O conteúdo destas palavras serve de justificação àqueles que apoiam o desenvolvimento do sistema proposto pela Administração Bush mas também como ponto de partida para aqueles que se opõem a que este sistema passe do papel para a realidade.

Os apoiantes da National Missile Defense (NMD) defendem que sem este sistema a proliferação de armas nucleares e a vulnerabilidade que estas trazem iriam significativamente limitar o cumprimento dos objectivos da política externa americana². Alguns apoiantes, talvez menos apaixonados, argumentam que o Ballistic Missile Defense System (BMDS) poderá ter algum valor dissuasivo no futuro contra algum regime violento ou então oferecer protecção contra um lançamento accidental. Outros alegam a favor de um sistema com o propósito explícito de fazer face à ameaça que os *rogue states* representam, mas negam que seja o primeiro passo para um sistema que neutralizará o modesto arsenal nuclear chinês e as forças russas.³ Os defensores do sistema têm razão acerca da sua maior premissa: a ameaça global que os mísseis balísticos representam aos EUA está de facto a crescer. O clube das nações com mísseis

¹ Bush, George W. “Remarks by the President to Students and Faculty at National Defense University”, Fort Lesley J. Macnair, Washington D.C., 1/05/01, disponível em <http://whitehouse.gov/news/releases/2001/05/print/20010501-10.html>, acedido em 10/01/2005.

² Powell, Robert, “Nuclear Deterrence Theory, Nuclear Proliferation and National Missile Defense”, *International Security*, Vol. 27, Nº4 (Spring 2003), pp. 86

³ Newhouse, John, “The missile defense debate”, *Foreign Affairs*, Vol. 80, nº 4, Julho/ Agosto 2001, pp 97.

balísticos inclui cerca de duas dúzias de membros. Assim como também é preocupante o aumento do alcance deste tipo de armas.⁴ Em qualquer dos casos, um sistema anti-míssil irá aumentar o nível de conforto securitário da sociedade e a confiança da mesma no seu governo uma vez que considerará que este está a fazer tudo ao seu alcance para proteger os seus cidadãos de actores irracionais capazes de levarem a cabo o impensável.

Por outro lado, os oponentes do sistema anti-míssil alegam que o sistema apenas trará problemas uma vez que poderá ser considerado uma forma ameaçadora de dissuasão assim como acarretar dúvidas à estrutura de controlo de armas. A NMD trará dificuldades nas relações entre os EUA e os seus aliados e em particular com a China e a Rússia na medida em que estes se sentirão mais vulneráveis perante os EUA. Este sentimento de insegurança poderá originar uma nova corrida ao armamento para criar um sentimento de equilíbrio da balança de poder.⁵

Nas páginas que se seguem, argumentar-se-á que o sistema anti-míssil americano enquanto agente dissuasor não será suficiente para impedir que actores da cena internacional avancem com os seus planos de adquirirem armas de destruição maciça e poderá contribuir para uma corrida ao armamento para que se recupere o sentido de equilíbrio entre Estados. Além disso, ataques a solo americano continuarão a ser hipóteses que regimes párias poderão considerar.

Caracterização do Sistema Anti-Míssil Americano

Os objectivos da NMD são desenvolver e manter um sistema que proteja os EUA contra ataques de mísseis balísticos, incluindo lançamentos acidentais ou não

⁴ O'Hanlon, Michael, “Star Wars Strikes Back”, *Foreign Affairs*, Vol. 78, nº 6, Novembro/ Dezembro 1999, pp. 70.

⁵ Ob. Cit., pp 98.

Glasser, Charles e Fetter, Steve, “National Missile Defense and the Future of US Nuclear Weapons Policy”, *International Security*, Vol. 26, Nº 1 (Summer 2001), pp. 40-92

autorizados e ameaças de Estados Pária, e ainda Estados com capacidades nucleares. Para cumprir estes objectivos, a NMD deverá ter à sua disposição um sistema que detecte a ameaça (míssil balístico) aquando dos preparativos para o lançamento assim como ser capaz de detectar e seguir o lançamento do míssil inimigo. Para ter o mínimo de eficácia no seguimento do trajecto do míssil será necessária a utilização de radares terrestres.⁶

A NMD requer alta tecnologia, muito mais desenvolvida que a planeada na era do Presidente Ronald Reagan. Contudo, este sistema não é definitivamente o mais eficiente para conter este tipo de ameaça.

O sistema de defesa anti-míssil que está a ser desenvolvido pelos Estados Unidos apenas é válido para mísseis de longa distância (como por exemplo, os mísseis intercontinentais), de nada servindo para mísseis de média ou curta distância que possam ser lançados, por exemplo, de navios que estejam perto da costa norte-americana. Contudo, mesmo para mísseis de longo alcance, o sistema pode demonstrar-se ineficaz já que o inimigo pode facilmente equipar os ICBM's com contra medidas simples e altamente eficazes.⁷

O projecto do sistema de defesa americano está estruturado em blocos de dois anos, prevendo-se a sua conclusão em 2016. O trabalho feito em cada bloco irá servir de alicerce para o bloco seguinte. No final, prevê-se que o trabalho realizado em cada bloco se traduza na existência de uma protecção eficaz contra ataques a território norte-americano.⁸

O BMDS da Administração Bush está a ser concebido para que destrua a ameaça numa das três fases do seu percurso: *boost*, *mid-course*, e *terminal*. A fase

⁶ Federation of American Scientists, “National Missile Defense”, disponível em <<http://www.fas.org/spp/starwars/program/nmd/>>, acessado em 2005/01/05.

⁷ Garwin, Richard L., “Holes in the Missile Shield”, Scientific American, Novembro 2004, pp. 48

⁸ Missile Defense Agency, “BMDS – Ballistic Missile Defense System – The Beginning”, disponível em <http://www.acq.osd.mil/mda/mdalink/pdf/bdmsbook.pdf>, acessado em 2005/01/05

inicial (*boost phase*) corresponde ao início do voo do míssil balístico. Este ponto inicial do voo reveste-se de grande importância uma vez que nesta fase é mais fácil detectar e seguir o míssil devido à luminosidade do propulsor e calor de exaustão. Nesta fase, interceptar um míssil tem sérias vantagens em relação às outras fases porque: 1) o interceptor destrói o míssil por inteiro, o que inclui os *decoys*, submunições e ogivas; 2) na *boost phase* é mais fácil detectar, seguir e destruir a ameaça; 3) nesta fase, é permitido defender uma área muito maior, o que poderá permitir aos Estados Unidos defender também os seus aliados na Europa e na Ásia.⁹ Contudo, esta fase é rápida¹⁰ o que obriga a um tempo de reacção bastante célere para que o míssil possa ser abatido e requer que o sistema de defesa esteja colocado perto do local de lançamento do inimigo no momento de lançamento do míssil balístico¹¹.

A fase seguinte (*midcourse phase*) é a fase intermédia do percurso no qual a trajectória do míssil é baseada na força impulsiva dada pelo propulsor e na força da gravidade. Esta fase é geralmente a mais longa (cerca de 20 minutos) e oferece várias oportunidades para abater o míssil. Nesta fase ocorre a separação do míssil do veículo de reentrada (*reentry vehicle*) que traz a arma assim como poderá trazer consigo contra medidas que tentam dissimular a ogiva que terá a arma. Para que seja possível interceptar a ameaça nesta fase, é necessário que haja vários sensores, incluindo os sensores do interceptor que estarão disponíveis para detectar o alvo a abater. Caso a interceptação seja realizada nesta altura, significa que os destroços serão destruídos ao reentrarem na atmosfera terrestre.

Por último, a fase terminal¹² (*terminal phase*) é a derradeira tentativa de destruição do míssil antes da sua detonação. Para que a interceptação seja bem sucedida é

⁹ Glasser, Charles, L. e Fetter, Steve, “National Missile Defense and the Future of US Policy”, *International Security*, Vol. 26, Nº 1, Verão 2001, pp. 52-53

¹⁰ Esta fase dura entre 3 a 5 minutos.

¹¹ *Idem*, op.cit, pp. 53

necessário um interceptor bastante avançado que consiga contornar qualquer manobra de diversão do veículo de reentrada.¹³ Nesta fase é necessário ter em consideração um facto extremamente importante: é preciso ter certeza que a interceptção ocorre a uma distância suficientemente segura para que a eliminação da ogiva agressora não danifique o seu alvo implicando que o grau de eficácia do interceptor terá de ser elevado. O interceptor não pode ser lançado até que a ogiva reentre na atmosfera terrestre para que seja possível distinguir entre a arma em si de qualquer tipo de manobra de diversão.¹⁴

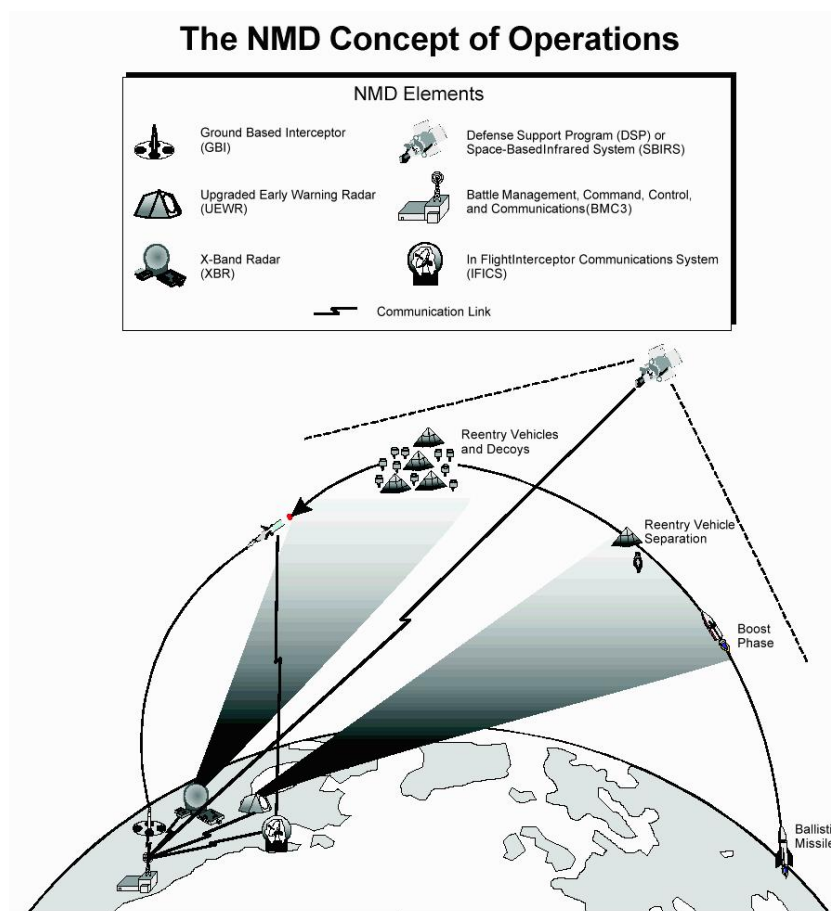


Ilustração 1 - Esquema do conceito de operações da NMD

Fonte: Federation of American Scientists, “National Missile Defense”, disponível em: <http://www.fas.org/spp/starwars/program/nmd/index.html>.

¹² A *terminal phase* dura aproximadamente 30 segundo, atingindo o objecto velocidades extremamente rápidas.

¹³ Missile Defense Agency, “BMDS – Ballistic Missile Defense System – The Beginning”, disponível em <http://www.acq.osd.mil/mda/mdalink/pdf/bdmsbook.pdf>, acedido em 2005/01/05; Neste documento encontra-se a descrição detalhada de todo o projecto de defesa anti-míssil.

¹⁴ Garwin, Richard, op. cit., pp. 50

No caso de lançamento de um ICBM contra os EUA, o primeiro aviso virá dos satélites militares desenvolvidos para detectar a chama quente de um motor de foguetão. A totalidade dos satélites, colocados na órbita geossíncrona, cobre praticamente toda a superfície terrestre com um espectro de infra-vermelhos tendo por isso a capacidade de detectar o lançamento de mísseis balísticos de proporções e alcance significativos. Estes satélites percorrem a esfera terrestre de 10 em 10 segundos, tendo um nível de fidedignidade de cerca de 1 quilómetro, detectando o míssil a uma altitude de 10 quilómetros até ao *burnout* do motor do foguetão cerca de 200/ 300 segundos mais tarde.

O sistema de defesa anti-míssil disparará vários interceptores contra cada míssil, na fase do *midcourse*, após o motor ter parado e a ogiva nuclear ter-se separado do foguetão. A intercessão irá ocorrer no vácuo do espaço e o alvo será a ogiva que está dentro do veículo de reentrada para a proteger o calor excessivo durante o processo de reentrada na atmosfera terrestre. Os sistemas de orientação evoluíram de tal forma que é possível destruir o míssil balístico apenas fazendo colidir o interceptor contra ele, evitando assim o recurso a detonações nucleares no espaço ou atmosfera que poderiam afectar as comunicações e provocar problemas ambientais.¹⁵

O Ballistic Missile Defense System é, contudo, passível de ser contornado através de medidas bastante simples que não requerem um nível de tecnologia tão alto quanto o necessário para possuir e utilizar mísseis balísticos.¹⁶ O calcanhar de Aquiles do sistema é a forma como pode ser contornado. Uma contra medida óbvia poderá ser a redução da possível detecção pelo radar e os registos de infravermelhos do míssil balístico e da ogiva para que seja mais difícil ao interceptor reconhecê-lo. Outra contra medida será a utilização de *decoys* desenhados para parecerem como a ogiva. Se o ICBM

¹⁵ Garwin, Richard L., op. cit., pp. 51-54.

¹⁶ O facto de a tecnologia necessária para contornar o sistema de defesa ser relativamente simples, faz com que o sistema seja vulnerável a qualquer país com tecnologia de mísseis balísticos. Isto tem sido utilizado como crítica pelos opositores do sistema que com este facto colocam em questão a real eficácia do sistema.

libertar dezenas de *decoys* no final da fase inicial do voo do míssil, será difícil para distinguir a ogiva das contra medidas. O atacante também poderá arquitectar os *decoys* para que estes tenham a mesma temperatura que a ogiva, fazendo com que seja indistinguível por infravermelhos. A principal fraqueza da fase *midcourse* é que poderá ser contornada com contra medidas simples.¹⁷

Ilusão do Sistema Anti-Míssil Americano

De entre os desafios do século XX, nenhum foi tão importante como eliminar o perigo de uma guerra nuclear. Juntos, Rússia e Estados Unidos, e outros países tentaram minimizar substancialmente esta ameaça e começaram uma redução dos arsenais nucleares. Em 1972 foi assinado o Tratado ABM que conteve as intenções dos Estados Unidos e da então União Soviética de construir capacidades nucleares ofensivas assim como ambas nações se comprometeram a renunciar sistemas estratégicos de defesa contra ICBM's.¹⁸ Nas palavras de Igor Ivanov¹⁹, “the rejection of nuclear “shield” made de nuclear “sword” less dangerous”.²⁰

Com o Tratado ABM como raiz, vários acordos internacionais foram estabelecidos acerca do controlo de armamento. De entre estes acordos internacionais, conta-se o SALT I e II de limitação de armas estratégicas e, o Tratado INF que bane dois tipos de armas nucleares – os mísseis de curto e médio alcance. Seguiram-se os Tratados START I e II cuja implementação reduzirá as ogivas nucleares.^{21 22}

A par destes tratados internacionais foram desenvolvidos tratados de não-proliferação de armas nucleares, acordos da proibição de testes nucleares, eliminação de

¹⁷ Garwin, Richard L., op. cit., pp. 54-56.

¹⁸ Ivanov, Igor, “The Missile-Defense Mistake – Undermining Strategic Stability and the ABM Treaty”, *Foreign Affairs*, Vol. 70 N° 5, Setembro/ Outubro 2000, pp. 15

¹⁹ Igor Ivanov em 2000, era o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Federação Russa.

²⁰ Ivanov, Igor, op. cit, pp. 15

²¹ Idem, pp. 15

armas químicas e redução de forças convencionais e armamentos. Toda esta estrutura de direito internacional público é a base da segurança internacional e tem como alicerce o Tratado ABM.²³ O Presidente Eisenhower afirmou há cerca de 40 anos atrás que “disarmament, with mutual honor and confidence, is a continuing imperative. Together we must learn how to compose differences, not with arms, but with intellect and decent purpose”²⁴.

George W. Bush, no seu discurso de 1 de Maio de 2001, na National Defense University em Fort Lesley J. McNair, afirmou:

We need new concepts of deterrence that rely on both offensive and defensive forces. (...) We need a new framework that allows us to build missile defenses to counter the different threats of today’s world. To do so, we must move beyond the constraints of the 30 year old ABM Treaty. This treaty does not recognize the present, or points us to the future. It enshrines the past. No treaty that prevents us from addressing today’s threats, that prohibits us from pursuing promising technology to defend ourselves, our friends and our allies is in our interests or in the interests of world peace.”

e assim colocou em causa a continuação dos Estados Unidos no Tratado ABM.

Estas foram as palavras de aviso dos Estados Unidos de que ou sairiam do Tratado ABM ou que então o iriam violar em breve. Logo após o discurso de Bush, representantes dos Estados Unidos partiram para países chave para vender o projecto sistema de defesa anti-míssil americano e deste forma apaziguarem as nações que estavam alarmadas com esta ideia e ao mesmo tempo, procurar aliados. Donald Rumsfeld, Secretário da Defesa e, Collin Powell, Secretário de Estado, e mais tarde o próprio Presidente Bush, empenharam-se pessoalmente nesta missão, percorrendo os aliados e amigos europeus.²⁵

²² No Anexo I está uma listagem dos Acordos e Tratados de Controlo de Armamento mais importantes.

²³ Idem, ibidem, pp. 15

²⁴ Butler, Richard, “Fatal Choice – Nuclear Weapons and the Illusion of Missile Defense”, Westview Press, 2001, pp. 18

²⁵ Miller, Steve E., “The Flawed Case for Missile Defense”, Survival, Vol. 43 Nº 3, Outono 2002, pp. 95-96.

O Tratado ABM pode ser história antiga na medida em que foi concebido e negociado numa época em que os assuntos de segurança eram bastante diferentes dos actuais. Mas os factores que influenciam as relações internacionais não mudaram. A segurança americana ainda é influenciada por outras potências e pela percepção destes dos objectivos americanos.²⁶

A proliferação de mísseis e de armas de destruição maciça são uma preocupação legítima e séria. No futuro, a proliferação deste tipo de armas pode colocar sérias ameaças à segurança americana e mundial. William Pfaff, ao referir-se à preocupação da Administração Bush com este tipo de ameaças, afirmou: “they want to a rush program to stop a missile threat widely held to be improbable, if it exists at all”.²⁷ Mesmo que a ameaça de mísseis desponte, não é certo que as defesas anti-míssil sejam a melhor forma, a mais apropriada ou a resposta necessária. Até que ponto este sistema de defesa será capaz de realmente deter este tipo de ameaça? Até que ponto esta defesa não irá potenciar a ameaça? Será capaz de dissuadir hipotéticos ataques?

Os argumentos dos Estados Unidos de justificação para o sistema de defesa anti-míssil não foram suficientes para convencer a comunidade internacional, nomeadamente a China e a Rússia. Em parte este sentimento de desconfiança deve-se ao facto de nem a China nem a Rússia acreditarem que os Estados Unidos irão respeitar os seus interesses vitais.²⁸ Oponentes do sistema da NMD argumentam que esta irá levar a uma corrida ao armamento com a Rússia e a China, ameaçar a fundação dos acordos de controlo de armamento entre a Rússia e os Estados Unidos ao exigir alterações ao Tratado ABM e reflecte uma mudança na política americana afastando-a da dissuasão.²⁹

²⁶ Glasser, Charles L. e Fetter, Steve, op. cit., pp. 41

²⁷ Miller, Steve E, op. cit., pp. 97.

²⁸ Glasser, Charles L e Fetter, Steve, op. cit. pp. 41

²⁹ Idem, op. Cit, pp. 57.

Charles Glasser e Steve Fetter argumentam que a implementação da NMD não ameaça a capacidade da Rússia de preservar uma grande lotação de armamento nuclear nem a aptidão da China de estabelecer e manter uma capacidade de dissuasão nuclear.³⁰ Contudo, poderá implicar que estes dois países se sintam em inferioridade em relação aos Estados Unidos e por isso aumentem o seu arsenal nuclear ou introduzam alterações tecnológicas para que consigam restabelecer o equilíbrio. Isto porque, com a NMD, os Estados Unidos terão maior capacidade de resistência quando confrontados com uma ameaça e por isso estarão dispostos a tolerar riscos maiores aos que estariam sem a existência da NMD, caso os outros estados não recuem. Certo é que a influência da NMD dependerá da sua eficácia. À medida que esta aumenta, os Estados Unidos estarão dispostos a correr riscos mais elevados, os pratos da balança do equilíbrio internacional começam a ficar desiguais³¹ e os outros actores da cena internacional tentarão manter o equilíbrio. Exemplo disto, foram os avanços que os russos fizeram ao testar com sucesso o SS-27 Topol M. De acordo com a Rússia, o Topol-M tem uma capacidade de propulsão que o colocará rapidamente na atmosfera, tornando a *boost phase* ineficaz para o deter a não ser que o interceptor esteja colocado quase ao lado do local de lançamento do míssil SS-27. O SS-27 consegue resistir a armas laser e tem um veículo de fácil manobra capaz de derrotar qualquer capacidade defensiva de o interceptar uma vez que distribui três ogivas e quatro sofisticados *decoys*.³²

De lembrar são as palavras de Viktor Baranets, um colunista militar do jornal Komsomolskaya Pravda que demonstram que a NMD não será tão pacífica e bem aceite como a Administração Bush pensa: “I understand America’s measures as a continuation of the arms race. With our slim budget we are making an effort to catch up with the rich

³⁰ Idem, op. Cit, pp. 57

³¹ Powell, Robert, “Nuclear Deterrence Theory, Nuclear Proliferation and National Missile Defense”, International Security, Vol. 27 N° 4, Primavera 2003, pp. 107

³² Ritter, Scott, “Rude Awakening to Missile-Defense Dream”, The Christian Science Monitor, disponível em <<http://www.csmonitor.com/2005/0104/p09s02-coop.htm>>; acedido em 04/01/2005.

American chariot”.³³ A oposição russa ao sistema anti-míssil reside no medo de que possa criar pressão para que a Rússia expanda as suas forças estratégicas. Contudo, a última coisa que a Rússia quer neste momento é uma nova corrida ao armamento porque não possui recursos que a permitam entrar nessa direcção. A Rússia pretende estabilidade nos armamentos e acredita que a defesa anti-míssil irá provocar instabilidade. Um facto a ter em consideração reside na deterioração física, organizacional e humana da cadeia de comando nuclear russo que poderá provocar lançamentos acidentais.³⁴

A situação chinesa é diferente da situação da Rússia, porque a China possui um arsenal de armas com capacidade intercontinental bastante reduzido. Com a implementação da NMD, China irá aumentar o seu arsenal nuclear em resposta à NMD até porque não possui um arsenal capaz de fazer frente ao americano. A China quer aumentar o seu arsenal, e poderá fazê-lo independentemente da existência da NMD, para que a sua capacidade de dissuasão seja maior. Para isso, necessitará de modernizar e aumentar a sua força. Contudo, com a existência da NMD, irá fazê-lo em maior número, talvez muito além dos seus planos iniciais.³⁵ Stephen Hadley argumentou que “If China continues to insist that it is free to use force against Taiwan, continues to deploy more ballistic missiles aimed at Taiwan and the United States, and continues to threaten to use those missiles against both, then the United States may simply have no choice”³⁶. Contudo, este tipo de reacção apenas levará a uma escalada na dissuasão, rompendo o equilíbrio cada vez que um Estado tentar corresponder ao aumento de força e de projecção de força do adversário. As preocupações chinesas são, em grande medida, preocupações regionais, envolvendo a Coreia do Norte, o Paquistão, a Índia e a questão

³³ Peterson, Scott, “Back to the Future: New US-Russia Arms Race”, *The Christian Science Monitor*, disponível em <<http://www.csmonitor.com/2004/0616/p01s04-woeu.htm>>; acedido em 04/01/2005.

³⁴ Newhouse, John, op. cit., pp. 103-104

³⁵ Glasser, Charles, e Fetter, Steve, op. cit., pp. 58

³⁶ Idem, op. Cit. pp. 62

da independência de Taiwan. A Coreia do Norte, o Paquistão e a Índia possuem armas nucleares e uma escalada de armamento nuclear por parte da China poderá influenciar estes actores regionais, uns aliados dos Estados Unidos outros aliados da China.³⁷

Apesar das relações estratégicas poderem ser estáveis, a verdade é que a rápida expansão da NMD americana irá diminuir a vontade da Rússia em reduzir o seu arsenal nuclear e irá aumentar a percepção da China de que precisa de expandir a sua força nuclear.³⁸ Os esforços dos Estados Unidos em reduzir as capacidades de retaliação da Rússia e da China e ganhar considerável superioridade nuclear irão deteriorar as relações entre os Estados Unidos e esses países. As capacidades nucleares de retaliação permanecem um requerimento básico do poder das potências mundiais. Se a NMD tiver sucesso, a Rússia e a China pensarão que estão vulneráveis ao poder coercivo americano. Caso a NMD seja ineficaz, os líderes russos e chineses interpretarão a dedicação dos Estados Unidos em conseguir uma NMD eficaz como um sinal dos motivos não tão bem intencionados quanto os EUA proclamam. A Rússia e a China poderão interpretar os esforços americanos de adquirir superioridade nuclear através da capacidade de defesa de possíveis ataques como uma indicação de motivos expansionistas. Esta situação é bastante provável considerando a superioridade convencional dos Estados Unidos e da ausência de conflitos intensos que ameacem a segurança global americana.³⁹

A insegurança gerada por este clima de desconfiança entre Estados Unidos, Rússia e China, poderá conduzir a comportamentos expansionistas. A Rússia poderá tentar controlar as antigas repúblicas soviéticas o que irá exacerbar as tensões e mais uma vez aumentar a saliência das considerações militares na relação com a Nato. A China poderá ver a NMD como uma tentativa de travar a China na sua relação com a

³⁷ Newhouse, John, op. cit., pp. 105-107

³⁸ Glasser, Charles e Fetter, Steve, op. Cit, pp. 59

independência de Taiwan. O aumento da insegurança irá propiciar um incremento nas competições e armamento para além de uma quebra na cooperação, que por exemplo, os Estados Unidos e a Rússia mantêm, podendo ou não levar a mais constrangimentos militares. A China irá aumentar a sua capacidade de construir armamento nuclear e convencional, que poderá levar o Japão a convencer-se que necessita de confiar mais nas suas próprias capacidades militares. Esta corrida ao armamento (já atrás mencionada acerca da Coreia do Norte, do Paquistão e da Índia) na região asiática criará tensões regionais que, conseqüentemente, reduzirão a segurança americana.⁴⁰

A Rússia e a China têm ainda outra preocupação relacionada com os planos da Administração Bush: a militarização do espaço pelos Estados Unidos ao colocar em órbita sensores espaciais e outros componentes necessários para a *boost phase*.⁴¹

Também a Europa está preocupada com a implementação do sistema NMD. Durante o século XX, os Estados Unidos ajudaram a Europa em momentos verdadeiramente difíceis. Actualmente, a Europa olha para os Estados Unidos como estando a criar a sua própria confusão. A Alemanha e outros países europeus encaram a NMD como um caminho que poderá encaminhar para sistemas de segurança divergentes dentro da NATO.

Os Europeus estavam conscientes que a tomada de posição da administração Bush poderia e certamente acarretaria sérios problemas: 1) poria em causa a continuidade do Tratado ABM; 2) ignoraria o Tratado acerca da realização de testes nucleares e 3) poderia criar sentimentos de humilhação e inferioridade à Rússia. Na realidade, a Europa não quer ser vista na Rússia como cúmplice na morte do Tratado ABM ou na criação da NMD. O sistema de defesa anti-míssil, para além de exceder a tolerância política europeia, irá tornar-se o principal argumento aquando de acusações

³⁹ Idem, op. Cit. pp. 63-64

⁴⁰ Idem, op. Cit. pp. 65

de unilateralismo americano e a sua indiferença perante as preocupações de outros. Além de enfraquecer a NATO, poderá também induzir um falso sentimento de segurança aos Estados Unidos sobre a possível ameaça de serem atacados por armas assustadoras ou o perigo de um lançamento acidental de um ICBM russo.⁴²

Também é necessário ter em conta os Estados pária dos quais os Estados Unidos se pretendem defender e que utilizam também como argumento para a implementação do sistema de defesa.

A probabilidade de os Estados Unidos serem atacados por um Estado pária na ausência de um sistema de defesa anti-míssil é bastante baixa. O número de estados pária que poderão adquirir ICBM's nos próximos 10 anos é bastante reduzido e a diplomacia poderá ajudar os Estados Unidos a evitar que algumas destas ameaças se concretizem. A capacidade retaliatória dos americanos poderá ser elevada e por isso, a probabilidade de um ataque por parte de um Estado pária deverá ser extremamente baixa. Com o desenvolvimento da NMD, a vulnerabilidade americana a ataques estará reduzida⁴³ e porque terá capacidade de infligir estragos consideráveis, a credibilidade das suas capacidades retaliatórias serão elevadas.

A credibilidade americana a nível de segurança irá diminuir caso um Estado pária consiga atingir o território norte-americano com algum tipo de arma de destruição maciça. Neste caso e, apesar de os Estados Unidos serem capazes de infligir sérios danos no estado agressor, poderão ser dissuadidos de retaliar mediante a perspectiva de mais ataques furtivos de Estados pária quer por ICBM's quer por outros meios. A balança de interesses poderá favorecer o Estado pária porque o seu ataque provavelmente irá conduzir ao envolvimento americano em conflitos regionais nos

⁴¹ Newhouse, John, op. Cit. pp. 106

⁴² idem, op. Cit., 107-109

⁴³ Mesmo com as falhas existentes no escudo anti-míssil e a facilidade com que é possível “contorná-lo”, a existência mesmo hipotética, de capacidade de defesa, fará com que o atacante pondere convenientemente a sua decisão.

quais os interesses do atacante poderão ser maiores do que o interesse dos Estados Unidos. Se pensarmos no caso da Coreia do Norte, temos o exemplo para o que se acabou de descrever. A Coreia do Norte poderá atacar os Estados Unidos na tentativa de os coagir a retirar-se na Península Coreana acreditando que os Estados Unidos não retaliarão porque os riscos adicionais de um ataque nuclear da Coreia do Norte não compensam os interesses americanos na região.⁴⁴

Este argumento demonstra que sendo os líderes dos Estados párias racionais, tendo em consideração os pós e contras de um ataque aos Estados Unidos, e tomando decisões baseadas nos seus próprios interesses, então a probabilidade de um ICBM de um Estado pária atacar os EUA será reduzida. Contudo o sistema NMD em pouco ou nada terá influenciado o líder na decisão de atacar ou não. Contudo nem sempre se está a lidar com líderes racionais e por isso, este tipo de líder poderá ordenar um ataque acreditando que nada terá a perder⁴⁵ depois de calculados as perdas e os ganhos e considerando se o risco é aceitável para si ou não. Quanto mais resolutivo for um Estado pária e quanto melhor passar essa imagem de determinação, melhor conseguirá fazer pender a balança do poder no jogo da dissuasão e por isso, menor o risco que os Estados Unidos estarão dispostos a correr.⁴⁶ Um sistema de defesa anti-míssil implementado poderá levar o líder do Estado pária a adoptar outras formas de uso de armas nucleares, como os mísseis colocados em barcos ao invés dos ICBM's. Neste caso, a retaliação com vista a destruir as capacidades militares do adversário pode ser ineficaz, assim como a NMD.

A influência na estabilidade por parte da NMD depende do seu grau de eficácia. Os testes efectuados e o traçado do sistema demonstram que o sistema é ineficaz a mísseis de curta distância, pelo que o sistema em desenvolvimento pelos americanos

⁴⁴ Glasser, Charles e Fetter, Steve, op.cit. pp. 66-67

⁴⁵ idem, op.cit., pp.68-69

será incapaz de defender ataques lançados de navios nas costas marítimas americanas. Por isso, os Estados Unidos continuarão a basear-se na dissuasão para prevenir qualquer tipo de ataque.⁴⁷ Ao acreditar que as defesas anti-míssil ajudarão a criar mais margem de manobra aos Estados Unidos, estes estarão dispostos a levantar mais alto a fasquia. Isto poderá fazer com que os eventos surjam rapidamente aumentando a espiral do perigo até que fiquem fora de controlo. Como a defesa anti-míssil eleva o limite dos EUA, a balança do poder desequilibra-se e a probabilidade de um ataque nuclear aos Estados Unidos aumenta.⁴⁸

Conclusão

Uma questão essencial sobre ao sistema anti-míssil é colocada por Steven E. Miller: “What benefit at what cost?”⁴⁹. Neste momento a resposta aparenta ser que o sistema anti-míssil apresenta um custo demasiado elevado para fazer frente a uma ameaça especulativa, provavelmente distante no tempo e com um carácter e escala incertos. Maureen Dowd, vencedor do prémio Pulitzer, descreveu o sistema NMD da seguinte forma: “Defense that doesn’t work against the threat that doesn’t exist”.⁵⁰

A expansão de armas nucleares poderá dar a aptidão de deter os Estados Unidos de tentar derrubar o regime num Estado pária. Em casos ambíguos, a NMD dará mais confiança e mais segurança aos EUA para elevar o seu limite numa crise. Contudo, apenas será assim se na prática o sistema tiver o mínimo de eficácia, algo que até agora não demonstrou nos testes realizados.⁵¹ O valor da NMD é ainda mais reduzido pela

⁴⁶ Powell, Robert, op. Cit. pp 106

⁴⁷ idem, op. Cit., pp. 107

⁴⁸ idem, op. Cit., pp. 111-112

⁴⁹ Miller, Steven E., op. Cit., pp. 107

⁵⁰ Butler, Richard, op. Cit., pp. 112

⁵¹ Nos testes realizados ao sistema, são vários os falhanços reportados na imprensa. Inclusive, peritos argumentam que os testes não correspondem à realidade, uma vez que nos testes são conhecidas variantes que numa situação real não é possível saber.

possibilidade de estados, possíveis futuras ameaças, serem capazes de utilizar armas de destruição maciça com sucesso através de meios alternativos.⁵²

O fim anunciado do Tratado ABM coloca em perigo os avanços que foram conseguidos a nível internacional no que diz respeito ao controlo de armamento e à proliferação de armas nucleares.

“The continued existence of nuclear weapons also guarantees that as long as any state has nuclear weapons, others will seek to acquire them.⁵³ (...)It is self evident that a linkage between the two areas – nuclear weapons and missile defense – would be tempting as a negotiating tactic, but do not proceed in that way would bring about failure with potentially devastating consequences – the unilateral erection of an unreliable defense shield and a resume nuclear arms race”⁵⁴.

O sistema NMD proposto contém três grandes dificuldades. Primeiro, a possibilidade de um escudo defensivo realmente eficaz é bastante reduzida. O conceito da NMD não dá lugar a uma segunda escolha. Se a NMD é permeável a ataques, então a segurança americana é colocada em risco. Segundo, os custos são elevados. Terceiro e último é o potencial impacto que a NMD terá em estados nucleares. A decisão americana de implementar este sistema é o rastilho para uma nova corrida aos armamentos e uma possível militarização do espaço.⁵⁵

Outra consequência grave será o impacto da decisão americana em implementar o sistema anti-míssil nos regimes de controlo de armas e de não proliferação de armas nucleares. O acto americano de implementar a NMD representa uma contradição entre aquilo que os Estados Unidos fazem e aquilo que dizem.⁵⁶ Richard Bulter é da opinião que os Estados Unidos deveriam optar por um maior empenhamento na real realização destes acordos. Nas palavras deste embaixador australiano na ONU, “a world saved

⁵² Glasser, Charles e Fetter, Steve, op. cit., pp. 88

⁵³ Butler, Richard, op. Cit, pp. 34

⁵⁴ idem, ibidem, pp. 82

⁵⁵ idem, ibidem, pp. 102-109

⁵⁶ idem, ibidem, pp. 109

from nuclear weapons would strengthen, not weaken the security of the United States”.⁵⁷ Butler afirma também que a pesquisa sobre defesas anti-mísseis poderá continuar, mas deverá ser um acto conjunto e não um acto unilateral dos Estados Unidos e que juntos, Estados Unidos e aliados, incluindo a Rússia, a China e a Europa, deverão lidar directamente com a ameaça de armas nucleares.⁵⁸

⁵⁷ *idem*, *ibidem*, pp. 17

ANEXO I

Principais Tratados e Acordos de Controlo de Armamento

Tratados Multilaterais sobre Armas Nucleares

5/ Ago/ 1963	Limited Test Ban Treaty
14/ Feb/ 1967	Tlatelolco Treaty o Nuclear Weapons in Latin America
01/ Jul/ 1968	Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons (NPT)
06/ Auo/ 1985	South Pacific Nuclear Free Zone Treaty (Rarotonga Treaty)
11/ Mai/ 1995	Indefinite Extension of NPT
15/ Dec/ 1995	Bangkok Treaty on the Southeast Asia Nuclear-Weapon-Free Zone
11/ Abr/ 1996	Pelindaba Treaty on Nuclear-Weapon-Free Zone in Africa
10/ Set/ 1996	Comprehensive Nuclear Test-Ban Treaty

Tratados sobre Armas Químicas, Biológicas e outro armamento

17/ Jun/ 1925	Geneva Protocol
10/ Abr/ 1972	Biological Weapons Convenção
10/ Dez/ 1976	Environmental Modification Convention
13/ Jan/ 1993	Chemical Weapons Convention
03/ Dez/ 1997	Ottawa Convention Banning Landmines

Fonte: Richar Butker, in “Fatal Choice – Nuclear Weapons and the Illusion of Missile Defense”, pp.25

⁵⁸ idem, ibidem, pp. 16

BIBLIOGRAFIA

BUSH, George W. “*Remarks by the President to Students and Faculty at National Defense University*”, Fort Lesley J. Macnair, Washington D.C., 1/05/01, disponível em <http://whitehouse.gov/news/releases/2001/05/print/20010501-10.html>, acessado em 10/01/2005

BUTLER, RICHARD, “*Fatal Choice – Nuclear Weapons and the Illusion of Missile Defense*”, Westview Press, 2001

FEDERATION OF AMERICAN SCIENTISTS, “*National Missile Defense*”, disponível em <<http://www.fas.org/spp/starwars/program/nmd/>>, acessado em 2005/01/05.

GARWIN, Richard L., “*Holes in the Missile Shield*”, Scientific American, Novembro 2004,

GLASSER, Charles e FETTER, Steve, “*National Missile Defense and the Future of US Nuclear Weapons Policy*”, International Security, Vol. 26, N° 1 (Summer 2001)

IVANOV, IGOR, “*The Missile-Defense Mistake – Undermining Strategic Stability and the ABM Treaty*”, Foreign Affairs, Vol. 70 N° 5, Setembro/ Outubro 2000

MISSILE DEFENSE AGENCY, “*BMDS – Ballistic Missile Defense System – The Beginning*”, disponível em <http://www.acq.osd.mil/mda/mdalink/pdf/bdmsbook.pdf>, acessado em 2005/01/05

NEWHOUSE, John, “*The missile defense debate*”, Foreign Affairs, Vol. 80, n° 4, Julho/ Agosto 2001

O’HANLON, Michael, “*Star Wars Strikes Back*”, Foreign Affairs, Vol. 78, n° 6, Novembro/ Dezembro 1999

PETERSON, Scott, “*Back to the Future: New US-Russia Arms Race*”, The Christian Science Monitor, disponível em <<http://www.csmonitor.com/2004/0616/p01s04-woeu.htm>>; acessado em 04/01/2005.

POWELL, Robert, “*Nuclear Deterrence Theory, Nuclear Proliferation and National Missile Defense*”, International Security, Vol. 27, N°4 (Spring 2003)

RITTER, Scott, “*Rude Awakening to Missile-Defense Dream*”, The Christian Science Monitor, disponível em <<http://www.csmonitor.com/2005/0104/p09s02-coop.htm>>; acessado em 04/01/2005.